

Aula 8

A ANÁLISE TEXTUAL E A CRÍTICA SOCIOLÓGICA

META

Aplicar os métodos da crítica sociológica à análise textual

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
reconhecer o lugar que a crítica sociológica ocupou entre as correntes críticas do século XX;
analisar em que sentido a crítica sociológica não se filia às correntes imanentistas surgidas no século XX;
utilizar a crítica sociológica como instrumento de análise do texto literário.

PRÉ-REQUISITOS

Releitura da aula 9, A crítica Sociológica, da disciplina Crítica Literária

Jeová Silva Santana

INTRODUÇÃO

Na revisão sobre o método crítico sociológico, você viu que ele está assentado no tripé produção, recepção e texto. Ou seja, ao contrário das correntes vistas anteriormente, que dirigiam suas baterias para a produção discursiva, a crítica sociológica “subordina seu objeto ao propósito de entendimento dos mecanismos em operação na sociedade” (LIMA, 2002, p. 661). Assim, o método sociológico visa observar a relação entre os homens e sua condição social. Se a obra se origina do meio social, cabe ao sociólogo examinar as marcas da sociedade que estão presentes nela.

Sabendo que o objetivo de nossa disciplina é conciliar teoria e prática, passemos a demonstrar uma breve aplicação dos pressupostos teóricos da crítica sociológica a um dos romances mais importantes da literatura brasileira: *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

Além do problema da dificuldade de comunicação entre os indivíduos que transitam no texto, a obra também aponta para questões como a seca, que não se manifesta no meio físico, mas também no comportamento “seco” dos homens, tirando-lhes a humanidade e obrigando-os às incertezas do deslocamento em busca de melhores condições de vida. Nesse itinerário, os personagens centrais do romance tendem a enfrentar não só a dureza do meio, como também a opressão do poder simbolizados pelo “patrão” (dono da fazenda) e pelo “soldado amarelo”.

No romance está latente a condição social dos personagens, divididos entre os que oprimem e os que se sentem na condição de animais, obedientes, passivos, representados pela família formada por Fabiano, Sinhá Vitória e seus dois filhos. Enquanto estes são zoomorfizados, a cachorra Baleia apresenta sentimentos e pensamentos de natureza humana. Escrito nos anos 1930, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, o texto revela tanto as condições do homem nordestino, quanto um alto grau de atualidade, visto que muitos dos problemas daquele tempo ainda persistem. No discurso do narrador, percebe-se a força estilística do autor, seu rigor na objetividade, seu posicionamento crítico em face às condições sociais da época. Nesse caso, cabe ao método sociológico estudar a obra no contexto social em que foi produzida, relacionando-a a questões como política, economia, costumes etc.

O discurso literário também é uma prática social. Em *Vidas secas* pode-se estudar a organização das condições rurais, as quais apresentam a terra como um agente de expulsão e sinal da exploração em virtude de sua apropriação ficar condicionada aos que detêm maior extrato financeiro, o que leva a família de Fabio à condição de miseráveis errantes, numa luta inglória contra tais circunstâncias, ansiosa por mudar de vida.

Se “a obra literária é o ‘instrumento ótico’, construído pelos elementos técnicos da forma, através do qual o autor formula além do que percebe,

além de suas próprias crenças” (LIMA, 2002, p. 683), a sociologia literária estuda os modos de interação entre os indivíduos que intervêm, direta ou indiretamente na vida literária. A crítica sociológica explica especificamente como o escrever é um ato de natureza social.

Dessa forma, o método sociológico examina as marcas da comunidade, já que vê a literatura entrosada na sociedade. Para se observar essa relação, primeiro estuda-se a sociedade real em que surge o escritor e a partir da qual produz sua obra. Segundo, a sociedade idealmente refletida na obra. Por fim, trata-se da expressão contida no texto: literatura de costumes, política, satírica ou moralizante, o programa de reforma social da obra. Assim, o método sociológico busca um denominador comum: o que o escritor tem de afinidade com os homens e sua condição social; sua experiência é partilhada com outros homens; o conteúdo de sua obra baseia-se na observação do comportamento humano. A obra há de repercutir na consciência social dos leitores e será representativa dentro molde textual que a sustém, ou seja, seu gênero. Portanto não convém separar a repercussão da obra de sua feitura, pois sociologicamente ela só estará terminada quando encontrar ressonância, visto que a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo (CÂNDIDO, 2000. p. 21).

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais e sua presença no texto. É difícil determiná-los devido à sua quantidade e variedade. No entanto, pode-se afirmar que os mais incisivos dizem respeito à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação.

Tomemos *Vidas secas* como objeto. Trata-se de uma obra inserida no chamado “ciclo do romance regionalista”, ou “romance de 30”, desenvolvido nos anos 1930, tendo como característica estética certo “neo-realismo”, por darem continuidade a tradição narrativa que tende a mostrar como a realidade sofre a pressão do meio, da raça e do momento histórico. Essa sintonia com a teoria do determinismo influencia a estética e o regionalismo aparece de modo não idealizado como se observa nas narrativas *Dona Guidinha do Poço* (1891), de Manuel de Oliveira Paiva, *A fome* (1888), de Rodolfo Teófilo, *Luzia-Homem* (1903). Nelas, denunciam-se “os aspectos retrógrados de nossa organização rural, como o regime de apropriação da terra, o aproveitamento e a transformação dos recursos naturais, a permanência das relações de trabalho nos mesmos moldes da era colonial” (RAMOS, 1997. P.21). A prosa pré-modernista, ainda alinhada com a concepção instaurada pelo realismo, que vê a arte como instrumento de crítica social, alargou essa visão problemática da sociedade rural brasileira, incorporando ao texto literário as particularidades sintáticas, fonéticas e vocabulares do falar regional. Como síntese desse panorama, valem essas palavras de Bosi (1993, pp. 342-3):

Do quadro geral emergem ideologias em conflito: o tradicionalismo agrário ajusta-se mal à mente inquieta dos centros urbanos, permeável aos influxos europeus e norte-americanos na sua faixa burguesa, e rica de fermentos radicais nas suas camadas média e operária. No limite, a situação comportava:

- a) – uma visão do mundo estática quando não saudosista;
- b) – uma ideologia liberal com traços anarcóides;
- c) – um complexo mental pequeno-burguês, de classe média, oscilante entre o puro ressentimento e o reformismo;
- e) – uma atitude revolucionária.

Vidas Secas tem como particularidade o arranjo literário aberto: seus capítulos são autônomos, ordenam-se por justaposição, o que lhe permite leituras variáveis, numa disposição diversa da proposta pelo autor. De modo isolado, os capítulos formam quadros, painéis diversificados que convergem para um mesmo drama. Contudo, esse “romance desmontável” tem um todo coeso, homogêneo, resultante do tema e da organicidade de sua concepção.

Apesar de todos os integrantes da família enfrentarem os mesmos obstáculos, cada capítulo traz para o primeiro plano uma das personagens do plano geral: Fabiano, sinhá Vitória, os dois meninos e Baleia representam a problemática humana: fome, miséria, a necessidade de mudança. Vidas secas não é só o romance sobre a seca, mas principalmente o romance da condição humana tangida entre a vida e a morte. As personagens deslocam-se para lugares distantes daqueles em que se situa o conflito. Negam o presente marcado por várias necessidades e vão atrás de um sonho: trabalho, escola, casa e comida.

Um resumo da condição das personagens seria: uma família sertaneja, constituída pelo vaqueiro Fabiano (pai), sinhá Vitória (mãe) e dois filhos, que não têm nomes, apenas citados como “menino mais velho” e “menino mais novo” e a cachorra Baleia, atravessam uma região inóspita marcada por sol, seca, caatinga. Na condição de flagelados e retirantes, dormem no leito seco dos rios, atormentados pela fome, sede e cansaço. Eles vêem as possibilidades de melhoria e realização impedidas tanto pela natureza adversa como pelos limites impostos por aqueles que detêm alguma forma de poder: o “dono da fazenda” o “soldado amarelo” e o “funcionário da prefeitura”. Um a um, assim pode ser delineada a condição social dos personagens:

FABIANO

Vaqueiro do sertão nordestino, familiarizado com o meio rural. Na cidade, sente-se como um estrangeiro ao ter contato com instituições sociais incompreensíveis e abstratas. A incompreensão, a desconfiança e o temor de Fabiano ampliam-se diante dos conflitos com o soldado, o patrão e o funcionário da prefeitura. Nessas ocasiões sente-se inferior e marginalizado, compara-se com um animal, que tem força para cuidar da Fazenda mas,

por pensar pouco, deseja quase nada e obedece. Sua condição agrava-se por não ter capacidade de comunicação. Não sabe articular pensamentos e frases. Não se sente dono da própria linguagem. Esta lhe é subtraída pela condição social. Apesar de ter a mesma cor do patrão, falta-lhe o essencial, a terra. Só ela podia lhe retirar da condição animalésca: “Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis (RAMOS, 1997, P. 76).

SINHA VITÓRIA

É apresentada como sendo mais esperta e menos frágil e vulnerável que Fabiano. Quando se indigna, irrita-se com Baleia e os filhos. A certeza de ter que continuar a dormir numa cama de varas e a lembrança do papagaio, que fora obrigada a sacrificar durante a viagem, intensifica sua amargura. A posse de uma “cama de lastro de couro” representa-lhe a realização de um sonho e o alçar a uma espécie de consciência de cidadania, item fundamental para a construção de sua auto-imagem para se sentir viva, participante, inquieta. Com vontade de alcançar um mínimo de conforto e bem-estar, ela faz as contas do acerto com o patrão e faz Fabiano perceber que fora roubado pelo fazendeiro. Mesmo na condição subumana de retirante, ela demonstra agilidade mental. Apesar da dureza da vida, percebe as coisas erradas ao seu redor. Por isso não aceita a passividade de ser comparada, como Fabiano, aos animais.

OS MENINOS

As duas crianças presentes na narrativa não têm nome. São referidas como o “menino mais velho” e o “menino mais novo”. Essa predisposição mostra a não individualidade, a despersonalização resultantes das condições sociais. Não há sequer uma referência aos seus traços físicos. Eles não têm rosto, o que revela sua insignificante condição social e econômica. Como traços distintivos destacam-se apenas o fato de o menino mais novo desejar ser um vaqueiro como pai, e assim demonstrar destemor tanto para a cachorra Baleia quanto para o irmão mais velho. Este, por sua vez, quer saber o significado das palavras, mas a mãe o pune por isso, dando-lhe cascudos e mandando-o ficar na cozinha ao lado de Baleia.



Fonte: regrascontingenciase-variabilidade.blogspot.com

BALEIA

A cachorra é tratada como gente, já que tem um nome, o que a deixa humanizada. Torna-se um integrante da família, em especial para os meninos que a tratam como se fosse uma irmã e têm nela um suporte para superar seus dilemas nas travessias e paragens com os pais. Essa familiaridade, contudo, não impede que receba empurrões e pontapés, ações que a deixam revoltada. Diante disso, assim como os homens, pensa em fugir daquela situação opressiva.

SEU TOMÁS DA BOLANDEIRA

É um personagem referencial na obra por ser símbolo de sabedoria, uma vez que possui escolarização. Além disso, o fato de ele votar também é visto como um sinal distintivo. Embora também viva na penúria, é motivo da curiosidade de Fabiano, que procura imitar-lhe o vocabulário, mesmo não entendendo algumas palavras, o que deixava as idéias esparsas. Apesar disso, tinha a ilusão que, agindo como seu Tomás, melhoraria sua situação.

O SOLDADO AMARELO

Simboliza o poder absoluto dos militares que inibe os paisanos, os civis. De modo ressentido e arrogante impõe-se perante Fabiano, prendendo-o de modo injusto, arbitrário, inconsequente. É um representante do poder e se empenha para manter “a lei e a ordem” para os que pagam por essa condição.

O DONO DA FAZENDA

É o símbolo da opressão do poder econômico: “o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru” (Ramos 1997. P.24). Dessa forma, representa a imobilidade de uma estrutura social que, agregada a outros fatores, provoca o nomadismo dos retirantes, representados pela família de Fabiano.

O FISCAL DA PREFEITURA

O fiscal, ao lado do dono da fazenda e do soldado amarelo, representa as instituições sociais em seus estágios menores, as quais Fabiano classifica de modo genérico como “governo”. Em sua ação arrecadadora, simboliza a ação racional, técnica e fria da máquina governamental.

CONCLUSÃO

Neste rápido esboço sobre uma das obras fundamentais de Graciliano Ramos, percebe-se a representação da vida miserável e da exploração em que viviam muitas famílias da região Nordeste no contexto dos anos 1930. Além do fator natural, a seca, elas têm de enfrentar outras forças locais tais como “o soldado amarelo” e “o funcionário da prefeitura”, os quais com “o dono da fazenda”, humilham e tornam mais pesadas as condições em que estão postos.

Pode-se perceber que, embora seja uma obra escrita há tantas décadas, *Vidas secas* não é datada, ou seja, não se limita ao tempo em que veio à luz. Chega-se a essa conclusão quando se observa que o cenário nordestino ainda guarda resquícios do que está contido na trama. Apesar de alguns avanços em algumas áreas, a imigração para os grandes centros do país ainda é uma constante. Nessa busca, troca-se a miséria rural pelas favelas dos centros urbanos. Nessa perspectiva, a crítica sociológica é um suporte para se observar como o texto literário explicita as contradições sociais a partir das inferências entre o escrito e o que ele revela como componente de reflexão sobre os destinos humanos.



RESUMO

Pelo método sociológico é possível observar a relação entranhada entre literatura e sociedade. Nessa perspectiva, enfatiza-se o estudo da sociedade em o escritor circula e na produz suas criações estéticas. Em um segundo momento, observa-se a sociedade que está refletida na obra. Esta pode apresentar distintas formas de comportamento: costumes, política, sátira, moral. Essas revelações visam estabelecer uma comunhão com o leitor. Este, levado a ter uma consciência social, é tocado pelas marcas simbólicas presentes no texto. No caso de *Vidas secas*, há um dialogar para além do espaço e tempo em que foi escrito, dada a força expressiva do discurso em que está apoiado.



ATIVIDADES

É notório que a aplicação desse método crítico, como qualquer outro, requer uma convivência relativa com os textos literários a serem lidos dentro ou fora do âmbito acadêmico. Aqui cabem apenas algumas simples

sugestões. No caso do assunto desta aula, tente aplicar a crítica sociológica em duas obras basilares da nossa literatura: 1) *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; 2) *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Em relação ao primeiro texto procure observar relações de gênero e sexualidade existentes na sociedade brasileira do final do século XIX. A reconstituição histórica do período permite uma análise sociológica tendo-se como foco o triângulo amoroso que move a narrativa. Esta permite entrever o medo social e a recusa violenta da transgressão sexual da época, causada por uma mulher supostamente adúltera e um homem enamorado e provável amante da esposa do narrador-protagonista. O triângulo ultrapassa o limite das personagens para se apresentar como a representação de uma época em que eram mais rígidas as normas que guiavam as relações amorosas e sexuais. A obra, portanto, trabalha com a transgressão, a desestabilização, o confronto. Em *Morte e vida Severina*, é o tema do deslocamento que move o texto: a viagem de um sertanejo que procura melhores condições de sobrevivência em outras paragens. No percurso, trava contato com práticas, revelações, diálogos que permitem ampliar o conceito da viagem como símbolo da vida e da morte de tantos desvalidos. Isso torna mais aguda a crítica social pretendida pelo autor. A obra, além de ser lida silenciosa e individualmente, também se abre para a leitura em voz alta e coletiva. Convide seus colegas para exercitarem essa prática, que lhes permitirá usufruir da palavra poética em toda sua sonoridade, musicalidade e plasticidade.



PRÓXIMA AULA

O texto literário e o método da crítica psicanalítica.

REFERÊNCIAS

- CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: A. I. Queirós, 2000.
- LIMA, Luís Costa. **Teoria literária em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.
- NETO, João Cabral de Melo Neto. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.